

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

TROVAS DE MÁRIO LINHARES

JOAQUIM PIMENTA

CONTAS SEM FIO — Uma brochura, magnificamente impressa pela Gráfica Laemmert, contendo 200 trovas de Mário Linhares; “contas” que, mesmo “sem fio”, formam um rosário de esmeraldas por ser a mesma fonte de inspiração de onde nasce e refulge, do vate cearense, uma das mais opulentas contribuições, em prosa e verso, à cultura literária do País.

As “trovas”, como êle explica no Prefácio, são “quadri-nhas feitas ao sabor das impressões do momento, ao léu dos dias, despreocupadamente”, mas conservando, do gênero, “a simplicidade e delicadeza, a graça e encanto, sem requinte, sem artifício, nem deformação”.

Podemos citar as duas primeiras e mais outras duas colhidas a êsmo:

*Diante de ti, doce amiga,
Hei de ficar sempre mudo,
Porque, por mais que eu te diga,
Nunca posso dizer tudo.*

*Tenho no peito guardado
Este profundo desgosto
— Não poder ser enterrado
Nas covinhas do teu rosto.*

*“Seja feliz” — na partida,
Saudosa você me diz...
Mas nada encontrei na vida
Que me fizesse feliz.*

*Tua voz serena e calma,
Em ressonância sem par,
Fica dentro de minha alma
Qual do búzio o som do mar.*

A que se segue, versa sôbre um artigo (“Dois rios em dois destinos”) que publiquei nesta coluna:

*O rio de nossa terra,
Em nós, misteriosamente,
Um poder estranho encerra:
Segue o destino da gente...*

Sem perder para outras obras congêneres, “Contas sem fio” é apenas um pequeno episódio literário na bibliografia de Mário Linhares, com mais de meio século de trabalho intenso, ininterrupto, fecundo, e o seu justo coroamento no diploma de membro efetivo das Academias de Letras, cearense e carioca.

Começou por ser um caso de precocidade artística, pois aos quinze anos de idade versejava em um jornalzinho cearense — “Gazetinha”, de José Carolino. Fundou, em 1906, juntamente comigo, Raul Uchoa, Genuíno de Castro e Jaime de Alencar a revista — “Fortaleza” — cujo êxito mereceu largo comentário do Prof. Dolor Barreira, em sua “História da Literatura Cearense”.

Em 1908, funda, também em Fortaleza, a revista “A Jan-gada”, em companhia de Liberato Nogueira, José Gil Amora, Ulisses Bezerra e outros.

Funcionário do Ministério da Fazenda, onde quer que se encontre, a serviço do govêrno, domina-o a mesma preocupação de escrever, de produzir. Assim, no Recife, publica em

1912 o seu primeiro livro de versos — “Florões”, e em 1913, ainda no Recife, funda com um grupo de intelectuais pernambucanos a revista — “Heliópolis”. Passando a servir na cidade de Salvador, Mário Linhares torna-se colaborador assíduo dos jornais baianos, entre 1916 e 1918, ainda fazendo parte do corpo redacional da revista “A Renascença”, publicando, em 1917, o seu segundo livro de versos — “Evangelho Pagão”.

Com o decorrer dos anos, êle mantém o mesmo ritmo de trabalho que se desdobra entre a poesia e a prosa, sobressaindo, neste segundo gênero, a sua magnífica “História Literária do Ceará”, “Poetas Esquecidos” e “Os Linhares” — minucioso e documentado estudo, já em segunda edição, sôbre a árvore genealógica a que pertence, e que é uma das de maior tradição na crônica avoenga das famílias cearenses.

O publicista cearense Manuel Albano Amora, em “Bibliografia de Mário Linhares” — opúsculo em que colhi dados preciosos sôbre a vida e obra do escritor conterrâneo, reproduziu, na íntegra, uma linda poesia que o Poeta dedicou à sua Musa, a pianista conterrânea, Angélica Quixadá, com quem se casou em 1920; foi no dia em que êle completou 70 anos de idade. E comenta o autor do opúsculo:

“Seu estro conserva o frescor da juventude, na exaltação da Musa que fêz a felicidade do seu lar, de sua vida, sem sofrer as contingências dos anos.”

Das quatro estrofes vamos transcrever a primeira e a última:

*“Setenta anos de vida! — Setenta anos
De lutas, provações e desenganos!
Não fôsse a luz do teu amor querida,
E o milagre feliz do teu carinho,
Não chegaria ao píncaro da vida
E ficaria em meio do caminho,
Como um rio perdido na planície
Que não alcança o mar...
E bendigo a velhice,*

*A sombra augusta dêste imenso amor,
Transbordante de enlêvo e de meiguice,
Que é a razão de ser de minha vida. . .
E, no esplendor
Dos meus mêlhores dias,
Encheu de rosas minhas mãos vazias
E foi a minha redenção, querida!"*

Quarenta anos de casados, que deslizam e se eternizam em dias de noivado feliz e perene em que as horas que passam não levam consigo o sonho que selou o destino de duas vidas.

CONTAS SEM FIO

(Trovas de Mário Linhares)

SABÓIA RIBEIRO

A Trova é, sem dúvida, hoje, um gênero na nossa poesia, e porventura floração mais espontânea da nossa poesia popular com um conteúdo lírico ou humano.

Reconhece-se, de resto, ao verso de sete sílabas, a forma por excelência espontânea da expressão dos sentimentos, e por isso a mais comum. A Trova, se já foi, não é mais, atualmente, apenas a estrofe de quatro versos, em metro de sete sílabas, a chamada *redondilha maior* (a *menor*, de cinco sílabas), dos tratadistas de verso.

A Trova, como gênero, é todo um poema condensado em somente quatro versos, com aquelas características. Há de possuir conteúdo poético próprio, sentido independente. Outrora, os poetas trovadorescos usavam as quadras em redondilha maior com evidente preferência. Dizia-se, então, que *trovavam*. Cada estrofe, uma trova. Hoje se empresta um sentido de per-

feita autonomia à Trova, ou seja, só é Trova, pròpriamente, a “quadrinha” (como já entrou na sinonímia), que vale por si, independente de outra ou outras. A Trova é, pois, por si só, um gênero poético. E é isto o que é difícil, isto o que identifica a Trova.

No seu aspecto meramente formal, foi, talvez, na literatura cearense, onde a Trova mais se expandiu, cultivada por todos os seus poetas no seu amado lirismo.

Poetas de grande sensibilidade, ali, a cultivaram e até vazaram poemas de numerosas estrofes nas quais ela ocupava a maior parte. Um poema desses, *Os Pescadores da Tahiba*, de Alvaro Martins, de 1895, é em boa parte escrita no metro da Trova, desde a sua abertura:

*“O mar tem fundos arcanos,
Abismos desconhecidos,
Profundos como os gemidos
Dos desesperos humanos.”*

Iria no infinito a citação dos seus poetas. Nesse campo, realmente, a literatura cearense possui uma enorme série de coisas primorosas, sendo talvez difícil não encontrar ali, ao menos num passado ainda recente, poeta que não se exercitasse naquela forma como a linguagem do afeto e da ternura. “Modo natural e simples de poetar, é a expressão (a trova) mais espontânea dos sentimentos que o amor inspira. Será sempre, por isso, poesia do coração, na qual apenas entra a arte para enfeitá-la com as pompas da forma”, escreveu dela Laudelino Freire.

O gênero, como quer que seja, espalhou-se pelo Brasil inteiro, revestindo aquêlo timbre de conteúdo autônomo de pensamento, que faz a verdadeira Trova.

Na verdade, porém, nem tudo é Trova em função desse conteúdo. Além de seu aspecto formal há mister possuir a Trova sensibilidade e finura, sem o que soa falso.

Nem tôdas as gamas do pensamento cabem na Trova, menos ainda os pensamentos duros e prosaicos. A Trova sente-se dentro da sua roupagem própria.

O próprio da Trova é, em summa, um requinte da sensibilidade.

Antônio Sales foi um seu exímio cultor. Tôdas as gamas do sentimento pôs nelas, o que vale dizer, foi lírico, foi filosófico, foi irreverente. Mas praticou sobretudo a Trova no seu sentido extremo.

Caricaturando personalidades, constituíram os célebres "epitáfios" de Emílio Menezes. Traduzindo as coisas simples da vida, foi a fôrça poética de Ademar Tavares. Já Soares Bulcão serviu-se delas como veículo dos ensinamentos da sabedoria popular, num livro único das nossas letras, "Parêmias".

Olhadas mais de perto, não se aplicará com propriedade o nome de Trova às "quadrinhas" que refogem às características de delicadeza e sensibilidade da Trova.

Não se pode dizer "trova" isto de Augusto Gil, mas autêntico epigrama, aliás, de um alto poder corrosivo:

*"Maria da Graça é uma
Cachopa de olhos de brasa.
Não tem amantes, nem fuma,
Mas tem cinzeiros em casa."*

Ao revés, tudo que serve a um desejo de depuração humana e traduz uma emoção pura e requintada, cabe dentro dela, como um engaste adequado. A Trova é, de natureza, ungi-da de bondade, não fôsse a maneira mais musical de desabafar o nosso íntimo.

De Francisco de Matos:

*"Minha viola de pinho,
Vê que traz o teu cantor!
Cabeça tonta de vinho,
Coração cheio de amor!"*

De Antônio Sales:

*“Achei-te tal diferença,
Quando, de novo, te vi,
Que, estando em tua presença,
Tive saudade de ti.”*

De Sabóia Ribeiro:

*“Eu te espero, hora por hora,
Como um naufrago numa ilha
Alongando o olhar em fora,
Vendo se surge uma quilha.*

De Virgílio Brandão:

*“Que vale a existência incerta,
O sonho, no mundo, alado,
Se quando a gente desperta
A vida já tem passado?”*

A Trova é, pois, a “quadrinha” a serviço dos sentimentos ternos.

Mário Linhares vem de publicar, agora, um livro de “quadrinhas”, mas sobretudo de “trovas”, no sentido que lhes emprestamos. Ele próprio disse, na Nota Preliminar dêste seu *Contas sem fio*, que “a Trova, na sua delicadeza e simplicidade, encerra a essência vital da Poesia, tudo que faz a sua graça e encanto, sem requinte, sem artifício nem deformação”. Assim escreveu, assim fêz, não encerrassem as de seu livro, na sua generalidade, aquêle traço de ternura e meiguice, que são a sua principal marca. É certo, todavia, que êle se escapa por vêzes dêsse feitio usual da sua inspiração. Mas é, então, somente, o moralista ungido de espírito cristão, insinuando um juízo, um conselho prudente, visando à perfeição das almas, como a sua.

Lírico aqui, madrigalesco acolá, conceituoso nesta, irônico naquela, êste *Contos sem fio* traduz ainda a sua facúndia de

espírito criador respondendo por uma obra de poesia bastante diversificada nos motivos de inspiração que animam.

Algumas transcrições abonarão os nossos conceitos e irão valorizar êste simples e despretençioso registro:

*“Não descreias da Divina
Justiça, que a Fé exalta,
Porque tudo nos ensina
Que Deus tarda mas não falta.”*

*“Há muita gente na vida
Que esquece o bem que lhe é feito,
E muda, logo em seguida,
A gratidão em despeito.”*

*“Maldito aquêlo que insulta
E ofende a mulher perdida,
Sem saber a causa oculta
Da sua queda na vida.”*

*“O sorriso, mais que o riso
Dá mais encanto à mulher,
E nada mais lhe é preciso
Para ter o que ela quer.”*

*“Mãe de filho mal nascido,
Teu amor sempre o acompanhe.
Teu êrro será remido
Pela glória de ser Mãe.”*

*“Quando tu passas, graciosa,
Numa leveza de arminho,
Eu cuido ver uma rosa
Com asas de passarinho.”*

Mário Linhares deu-nos assim um livro que está fadado a ser modêlo no gênero, no qual poucos se lhe equipararão, marcando uma grande data na sua bibliografia.

FRASES E CONCEITOS

O dr. Eduardo Girão, mestre dos mais acatados, enriqueceu as letras pátrias com nova coletânea de pensamentos, através de cujo contexto não se sabe o que mais admirar: se a força de uma imaginação fecunda, se a cintilação de uma inteligência lúcida, se o garbo da experiência de um homem esclarecido, a olhar a vida pelo prisma do que é nobre e perfeito.

“Frasas e Conceitos”, em edição da Imprensa Universitária do Ceará, encerra mil pensamentos em tórno dos mais variados assuntos, revelando o autor, em todos êles, fina penetração e acentuado senso filosófico.

Trata-se, realmente, de obra esplendente e delicada, re-ferta de palavras harmoniosas e de expressões coloridas, lembrando a suave ressonância de música sugestiva, que a gente escuta para nunca mais esquecer.

Na verdade, estamos em frente de um grande livro, de 289 páginas, por meio das quais o dr. Eduardo Girão ditou-nos magníficos conselhos, apontou-nos roteiros luminosos e advertiu-nos dos rudes males da vida, ministrando normas e ensinamentos que penetram nosso coração, como um raio de sol numa lâmina de cristal.

Homem profundamente generoso, cuja existência há constituído paradigma de trabalho, de honestidade e de estudo, o dr. Eduardo Girão, no crepúsculo luminoso de uma jornada utilíssima e fecunda, oferece-nos o lindo relicário de sabedoria e bondade, que é “Frasas e Conceitos”, livro que a gente deve ler aos poucos, devagar, como quem saboreia fruto gostoso e teme que se acabe.

É que há em “Frasas e Conceitos” contínuo perpassar de imagens ofuscantes, cada qual mais formosa e sugestiva, lembrando milhões de estrêlas num céu de veludo negro, em noite de verão.

C. M.

O *SONETO* (Ensaio), de CRUZ FILHO — Uma das melhores obras surgidas dos prelos nacionais no decurso deste ano (1961) foi, sem dúvida, a que se intitula “O Soneto”, da lavra de Cruz Filho, uma das mais fortes expressões da poesia de nossa terra.

Estudo elucidativo e completo sobre esse gracioso gênero poético, Cruz Filho concatenou capítulos do mais fino sabor estético, onde apreciou o soneto desde a sua origem até os nossos dias, mostrando-se profundo conhecedor do assunto.

Depois de haver ressaltado a supremacia do soneto, como a mais linda forma literária, no campo da poesia, em seus diferentes aspectos e através de vários panoramas literários, organizou êle uma antologia de primeira ordem, onde apresentou jóias de raro fulgor, subscritas pelos maiores poetas brasileiros.

Obra delineada em linguagem harmoniosa e escorreita, “O Soneto”, por seu valor indiscutível, recomenda o nome do autor, ilustre membro da “Academia Cearense de Letras” e brilhante colaborador desta Revista.

Edição “ELOS”, do Rio de Janeiro, com capa de Rogério Marques de Oliveira, “O Soneto”, que é dedicado à memória de Leiria de Andrade, detentor, que já foi, de uma Cadeira de nosso sodalício, é livro que ficará na história das nossas letras como o atestado vibrante da pujança de um dos espíritos mais lúcidos que se orgulham as nossas letras.

M A A

O *ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS*, de CARLOS STUDART FILHO — Membro do “Instituto do Ceará” e da “Academia Cearense de Letras”, Carlos Studart Filho é um dos maiores cultores da história, entre nós, distinguindo-se como arguto pesquisador de fatos do passado e de acontecimentos que se perderam na noite dos tempos.

De tão estimável figura do nosso patrimônio cultural,

veio a lume "O Antigo Estado do Maranhão e suas Capitânicas Feudais", em alentado volume de 351 páginas, onde o assunto é discutido com precisão e proficiência, havendo o autor se abeberado em fontes bibliográficas das mais importantes, motivo por que a monografia em aprêço representa trabalho de real magnitude.

Volume n. 1 da "Biblioteca de Cultura, Série B", da Universidade do Ceará, em "O Antigo Estado do Maranhão e suas Capitânicas Feudais", Carlos Studart Filho comprova suas qualidades de historiador honesto e fecundo, dotado de paciência beneditina, sempre que penetra os arcanos do passado, qual garimpeiro audaz, a buscar, no subsolo, os filamentos de ouro da verdade histórica. O livro é prefaciado por Artur César Ferreira Reis, figura exponencial das letras brasileiras.

C. M.

ALMA RUDE (Contos Regionais), de CARLYLE MARTINS — Depois de haver publicado numerosos volumes de poemas e algumas biografias focalizando vultos da intelectualidade cearense, Carlyle Martins resolveu ingressar no mundo do ficcionismo, oferecendo aos amantes das belas letras o primoroso livro, que é "Alma Rude", onde reuniu 15 contos de feição regional, todos êles decalcados em estilo harmonioso e elegante, refletindo, aqui e ali, primaciais qualidades de imaginação e fôrça criadora.

Narrativas em que tracejou o perfil de figuras sertanejas, "Alma Rude" é repositório dos mais curiosos e interessantes, onde também são descritos, com precisão e veracidade, usos da nossa gente, hábitos do nosso povo e aspectos da gleba sofredora, verdejante e soberba ao perpassar do inverno, calcinada e triste durante as sêcas avassaladoras.

Reminiscências de suas antigas incursões ao interior do Estado, Carlyle Martins proporcionou-nos visão nítida e perfeita de cenas que ocorreram nos rincões nativos e agora aparecem, sob o disfarce de rebrilhante fantasia, nas pági-

nas de sua formosa coletânea, onde “Cangaceiros”, “Casa Mal Assombrada”, “Retirantes”, “O Curandeiro”, “Depois do Samba”, “O Ciúme de Pedro Anselmo” e “A Enchente” constituem flagrantes da vida cearense, com lances de sacrifício, surtos de amor e rasgos de heroísmo.

Carlyle Martins, uma das mais pujantes expressões da poesia cearense, com a publicação de “Alma Rude” revelou possuir raros atributos de prosador, como tem reconhecido a crítica do sul do país, que se há manifestado favoravelmente a respeito do seu livro.

M. A. A.

MATIAS BECK (Fundador de Fortaleza), de RAIMUNDO GIRÃO — Volume n. 5 da “Coleção História e Cultura”, supervisionada pelo “Instituto do Ceará”, circulou o livro “Matias Beck” (Fundador de Fortaleza), da autoria do conhecido homem de letras dr. Raimundo Girão, sócio dos mais conceituados daquela prestigiosa agremiação e da “Academia Cearense de Letras”, cuja presidência já ocupou, com eficiência e dinamismo.

Trata-se de estudo circunstanciado e sério, ventilando palpitante controvérsia histórica, em tórno da qual hão discutido figuras de realce do nosso mundo intelectual, empenhadas no esclarecimento de fatos distanciados pela ação do tempo e, assim, envoltos na névoa das incertezas.

Através de 167 páginas em linguagem elevada e escorreita, o dr. Raimundo Girão dissertou longamente sobre o assunto, juntando ao livro alguns mapas ilustrativos, para melhor elucidação do seu ponto de vista, assim como, em apêndice, o “Diário de Matias Beck”, escrito no ano de 1649.

Para a valiosa edição, que é da “Imprensa Oficial do Estado”, o dr. Tomás Pompeu Sobrinho, a mais alta expressão da mentalidade conterrânea, escreveu em magistral prefácio pondo em relêvo o trabalho do dr. Raimundo Girão, cuja bagagem histórica é de real merecimento.

C. M.

PSEUDÔNIMOS DE ACADÊMICOS CEARENSES
(Sócios efetivos)

André Carnaúba, Josselin, Mac — Aron, Risakoff — AN-
TÔNIO BEZERRA

Bruno Jaci — JOSÉ CARLOS JÚNIOR

Frederico Bobœufa — FARIAS BRITO

Ivan d'Azhoff — WALDEMIRO CAVALCANTE

Píndaro — JOSÉ LINO DA JUSTA

Aresbul — SOARES BULÇÃO

Marcos Serrano — RODOLFO TEÓFILO

Wilbergorce — PEDRO DE QUEIROZ

Leota, Josué de Maio — LEONARDO MOTA

Puck Giz — CARLOS CÂMARA

Gayo Pisão — ANTÔNIO FURTADO

José do Amor — QUINTINO CUNHA

Alba Valdez — MARIA RODRIGUES

Moacir Jurema, Efren Silva — ANTÔNIO SALES

Cáio Flávio, Carlos Tigre — CRUZ FILHO

Mefistófelis, Hurdício Alvinz — MARTINZ DE AGUIAR

Políbio — TEODORO CABRAL

Chamarion — EMÍDIO BARBOSA

Carlos Pereira — CARLOS STUDART FILHO

Pereira Júnior — MOZART FIRMEZA

Antônio Garrido — DEMÓCRITO ROCHA

Lúcio Várzea, Rubens da Maia — JÚLIO MACIEL

Nicolau de Assis — ELIAS MALMANN

Gil Vaz, Max Linder, Gomes Pacheco, Flávio de Lisle,

Ponciano Ribas, Laura Viterbo, Ivone Pimentel, Gervásio

Botelho, Jacques Amyot, Carmen Florseta, Dolores

Beviláqua e Ivo Neves — MÁRIO LINHARES

Hélio Rubim — PERBOYRE E SILVA

Léo Silva — BRAGA MONTENEGRO

Alberto Flávio — CARLYLE MARTINS

J. Nullius — JOSÉ VALDIVINO DE CARVALHO

M.A.A.

ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS

1 — Sidney Netto	Casa do Estudante de Fortaleza
2 — Luiz Sucupira	Rua Costa Barros, 641 — Tel. 1-28-46
3 — Antônio Martins Filho	Rua Jaime Benévolo, 190 — Tel. 1-15-52
4 — Raimundo Girão	Rua João Lopes, 14 — Tel. 1-16-31
5 — Fran Martins	Rua Rui Barbosa, 1332 — Tel. 1-26-05
6 — Tomaz Pompeu Sobrinho ..	Rua Francisco Sá, 1801 — Tel. 1-26 64
7 — Mário Linhares	Rua Prudente de Moraes, 762, ap. 201 — Tel. 27-5536 — Rio de Janeiro
8 — Dr. Fernandes Távora	Rua Visc. de Sabóia, 11 — Tel. 1-23-63
9 — João Clímaco Bezerra	Rua B. Rio Branco, 3070 — Tel. 1-34-38
10 — Abelardo F. Montenegro ...	Rua Major Facundo, 1344 — Tel. 1-44-37
11 — José Valdivino de Carvalho .	Rua Floriano Peixoto, 1212 — Tel. 1-55-98
12 — Natanael Cortez	Rua Des. Moreira, 1175 — Tel. 1-23-81
13 — Padre Dr. Misael Gomes	Rua Bezerra de Menezes, 1123
14 — Jáder de Carvalho	Rua A. dos Santos, 369 — Tel. 1-20-93
15 — Joaquim Braga Montenegro	Rua Visconde de Cairu, 45 — Tel. 1-93-43
16 — Joel Linhares	Rua 13 de Maio, 1492 — Tel. 1-30-15
17 — Renato Braga	Rua Senador Alencar, 1076 — Tel. 1-52-37
18 — Dr. Otávio Lôbo	Rua Guilherme Rocha, 1478 — Tel. 1-18-93
19 — Mozart Soriano Aderaldo ..	Rua Mons. Bruno, 542 — Tel. 1-10-92
20 — Clodoaldo Pinto	Av. Tristão Gonçalves, 135 — Tel. 1-34-20
21 — Filgueiras Lima (Antônio) .	Rua C. Vasconcelos, 334 — Tel. 1-20-08
22 — Alba Valdez	Rua General Sampaio, 1349
23 — Dra. Henriqueta Galeno	Rua Gen. Sampaio, 1128 — Tel. 1-11-53
24 — Gastão Justa	Vila Romero, 64 — Tel. 1-28-25
25 — Carlyle Martins	Rua do Imperador, 182
26 — Andrade Furtado	Rua Franklin Távora, 700 — Tel. 1-13-14
27 — Adonias Lima	Rua Padre Mororó, 795 — Tel. 1-26-09
28 — Júlio Maciel	Rua Dona Teresa, 1137 — Tel. 1-44-24
29 — Carlos Studart Filho	Instituto do Ceará — Tel. 1-52-13
30 — Josafá Linhares	Rua Carapinima, 2518 — Tel. 1-39-15
31 — Cursino Belém de Figueiredo	Rua Gonçalves Lêdo, 1023 — Tel. 1-20-69
32 — J. V. Ribeiro Ramos	Rua Senador Pompeu, 1215 — Tel. 1-29-46
33 — Perboyre e Silva	Rua T. Cavalcante, 1510 — Tel. 1-12-65
34 — Dolor Barreira	Rua Major Facundo, 980 — Tel. 1-25-54
35 — Cândida Maria S. Galeno ..	Rua General Sampaio, 1128 — Tel. 1-11-53
36 — Hugo Catunda	Rua Santa Isabel, 687 — Tel. 1-32-53
37 — Manoel Albano Amora	Rua Pedro I, 520 — Tel. 1-30-58
38 — Francisco Menezes Pimentel	Rua do Imperador, 636 — Tel. 1-14-11
39 — Cruz Filho	Faculdade de Direito da Univ. do Ceará
40 — Artur Eduardo Benevides ..	Rua Senador Pompeu, 1677 — Tel. 1-72-88